

PRÁTICAS TRADUTÓRIAS NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DA AMÉRICA LATINA

Roseli Barros Cunha

1. Proposta de reflexão

As práticas de interpretação e tradução estiveram presentes no Novo Mundo e foram registradas desde seu “descobrimento”. Como se sabe 1492 é o ano em que Colón saiu da Espanha a caminho das Índias; é também o ano da publicação da primeira gramática castelhana, por Antonio Nebrija. Espanha acabava de se constituir com a unificação dos reinos católicos ao vencer o último rei muçulmano e expulsar árabes e judeus de seu território. Portanto, caminhavam lado a lado, em sua constituição como um país, a religião católica e a normatização de um idioma que colaborasse na difusão dos interesses desse Estado.

Como afirma Aníbal Quijano, com a descoberta das novas terras há a construção da ideia de América, de sua natureza, sua cultura e seus habitantes. Fato que, por sua vez, levará à definição do que será por oposição o espanhol, o europeu ocidental, ou seja, à construção dos conceitos de raça e de identidade tanto dos “descobertos” quanto dos “descobridores”.

Esto me parece decisivo e importante para lo que quiero ver después porque, en efecto, América es la primera identidad, entidad histórica de este periodo que después hemos dado en llamar el periodo de la modernidad. Y por lo tanto raza la primera categoría mental del periodo de la modernidad, lo que hoy llamamos Europa Occidental es producto de esa existencia, no le es precedente por eso, como siempre insisto, necesitamos tener la máxima cautela con el lenguaje, sobre todo en momento como hoy en que estallando todos los horizontes de sentido, los símbolos están conspirando contra aquello que parecía ser lo que representaba. Nos hemos acostumbrado a decir que Europa Occidental vino a América, como saben, América no había y Europa Occidental tampoco. Nos acostumbramos los españoles vinieron a conquistar a América, cada palabra es falsa. Como todos sabemos, América no había y España tampoco. Lo que hoy que llamamos Europa Occidental, como España, son productos históricos de este nuevo patrón de poder que está emergiendo con América, a partir de América. (QUIJANO, 2009, p. 6-7)

Disponível em:

<<http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libros/51.pdf>> Acesso em: 4 mar. 2013.

Em 1984, Ángel Rama já apontava para essa questão. Em *La Ciudad Letrada*, argumenta que o subcontinente, desde o século XVI, faria parte do projeto de construção de um novo modelo econômico-cultural: “América fue la primera realización material de ese sueño y su puesto, central en la edificación de la era capitalista” (RAMA, 1984, p.11).

É interessante recordar que o próprio descobridor da América, Cristóbal Colón, não tem sua nacionalidade precisada. Isso pouco importava na época, pois o navegador estava a serviço dos reis

católicos reconhecidos então como os soberanos espanhóis. Colón acreditou que havia encontrado um conjunto de ilhas as quais foram chamadas Índias Ocidentais ou Novo Mundo. Mais tarde, outro navegador, Américo Vespúcio, confirmou que as novas terras eram na verdade um continente. Em 1507, o humanista alemão Martin Waldseemüller, ao atualizar o mapa-múndi, homenageia o italiano batizando o novo continente com seu nome. Fica evidente, seguindo os passos de Quijano (2000, 2009), a atuação dos nativos a partir de então considerados europeus ocidentais, na denominação, construção e, portanto, autenticação do novo continente: América.

Por outro lado, os habitantes das terras, encontrados, foram chamados índios. Inicialmente, por se acreditar que haviam chegado às Índias, e depois como modo genérico denominar e agrupar as várias etnias que falavam línguas e possuíam culturas diversas. É preciso recordar que mais que os tão conhecidos incas, maias e astecas, o contato se deu com inúmeros outros grupos étnicos.

Desde o primeiro momento de contato, a natureza, os povos e sua cultura são descritos pelos descobridores e colonizadores. Há vários exemplos dessas descrições em *Los cuatro viajes del Almirante y su testamento*, escritos por Cristóbal Colón, posteriormente recuperados e com fragmentos reescritos pelo frei dominicano Bartolomé de las Casas.

Muitos colonizadores aprenderam as línguas indígenas, alguns inclusive realizaram um trabalho de recolhimento dos idiomas e suas tradições orais, ainda que com propósitos evangelizadores. Um exemplo foi o jesuíta Francisco de Ávila que, no final do século XVI, registrou em quíchua, tradições mitológicas e ritualísticas dos índios de regiões do Peru. Segundo Rama, a intenção dele era realizar um “tratado sobre la idolatría entre los indios peruanos para darla a conocer al público letrado español” (ARGUEDAS, 1975, p. 7), mas o religioso somente iniciou uma tradução para o castelhano. Foi em 1966 que José María Arguedas concluiu esse trabalho e intitulou a obra *Dioses y hombres de Huarochirí*.

Vários textos considerados atualmente no âmbito da literatura hispano-americana foram na época de sua produção escritos sem uma finalidade literária. Em seus contextos específicos, muitas vezes serviram como instrumentos de informação aos seus destinatários, eram documentos que relatavam e prestavam contas aos reis do andamento de processo de conquista e colonização das novas terras. Hoje podemos considerá-los como textos híbridos ou de fronteira entre a literatura e a historiografia. Segundo o raciocínio de Walter Mignolo em “Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista”, a organização da prosa narrativa do período colonial na América Hispânica apresenta um problema tipológico e, dentro da proposta de seus estudos, considera-os “textos de cultura”, pois estes seriam atos verbais conservados na memória coletiva e de grande significação na organização de uma cultura (MIGNOLO, 1998, p.57).

Além disso, o argentino argumenta que “una cultura puede considerar significativos no sólo los textos escritos en la lengua de la cultura, sino también aquellos que, escritos en otra lengua significan, de una manera o de otra (determinable en cada caso), en la cultura en cuestión” (MIGNOLO, 1998, p. 58).

Outro pesquisador que se debruçou sobre essa questão foi Tzvetan Todorov em *A Conquista da América – a questão do outro*. Para o pensador búlgaro, “a descoberta da América, ou melhor, a dos

americanos, é sem dúvida o encontro mais surpreendente de nossa história. Na ‘descoberta’ dos outros continentes e dos outros homens não existe, realmente, esse sentido radical de estranheza” (TODOROV, 1991, p. 4). Os europeus não ignoravam totalmente a existência da África, ou da Índia, ou da China, até mesmo a chegada à Lua não teria causado tanta estranheza. Mas ele sustenta que no início do século XVI nada se sabia dos índios da América ainda que obviamente lhes fossem projetadas imagens e ideias relacionadas a populações distantes, mas pelo menos um pouco mais conhecidas. Para ele também “é a conquista da América que anuncia e funda nossa identidade presente” (TODOROV, 1991, p. 6). Essa opinião reforça o argumento que Aníbal Quijano e outros estudiosos que seguem essa linha de raciocínio têm apresentado em seus estudos sobre a *des/colonialidad del poder*, uma vez que, para Quijano, seria esse o momento de criação não apenas da América e do conquistado, mas também da Europa e do conquistador.

Deste modo, é evidente desde o início da história literária e cultural do subcontinente americano, a existência de textos culturais que relatam, procurando entender e ao mesmo tempo explicar, o Novo Mundo, seus povos e suas distintas culturas. Nestes, a presença de procedimentos de tradução e interpretação são muitos e variados, tanto entre as línguas indígenas como destas para a língua do colonizador e, ainda, o caminho contrário.

A proposta deste artigo é tratar, ainda que brevemente, de alguns exemplos dos múltiplos procedimentos de tradução e interpretação ocorridos na América Latina como formas de entender e explicar o outro. Ainda que esse processo seja constante ao longo de sua história, serão abordados especificamente em dois momentos, a saber, em alguns relatos sobre a descoberta e a colonização do subcontinente e na literatura da chamada *nueva narrativa*, que despontou ao longo da década de 1940 (SHAW, 1988), especificamente, na produção do antropólogo e autor José María Arguedas¹⁹.

2. Práticas tradutórias na produção do período colonial

Cristóbal Colón ao longo de seus diários de navegação, *Los cuatro viajes del Almirante y su testamento*, adota vários procedimentos para traduzir o novo mundo com o qual estava tomando contato e assim cumprir com sua obrigação de descrevê-lo aos reis. Por exemplo, ao perceber a diferença entre as embarcações utilizadas por espanhóis e indígenas, e almejando fazer com que seus leitores

¹⁹ Venho desenvolvendo este estudo no projeto de pesquisa “Tradução e construções conceituais: estratégias para o entendimento das literaturas e culturas latino-americanas” dentro do GELTTE (Grupo de Estudos de Literatura, Tradução e suas Teorias), UFC/CNPq, cujo objetivo é tratar de algumas das construções conceituais desenvolvidas por intelectuais latino-americanos e consagrados atualmente em todo o mundo e dos procedimentos de tradução vigentes no subcontinente desde a chegada dos primeiros colonizadores. Assim, objetiva-se verificar se ambos os processos, criações e reformulações de conceitos e procedimentos tradutórios constituem estratégias para o entendimento das literaturas e culturas da América Latina, tanto para um público interno quanto externo a essa região.

compreendessem essas distinções, usa em seu relato a palavra espanhola “almadía” seguida de uma paráfrase:

Ellos vinieron a la nao con almadías, que son hechas del pie de un árbol, como un barco luengo, y todo de un pedazo, y labrado muy a maravilla según la tierra, y grandes en que algunas venían cuarenta o cuarenta y cinco hombres, y otras más pequeñas, fasta haber de ellas en que venía un solo hombre. Remaban con una pala como de fornero, y anda a maravilla (...). (COLÓN, s.d., p. 31)

Uma vez que a embarcação já fora apresentada aos seus leitores, ao se referir novamente ao objeto, acrescenta uma nova informação, apresenta seu nome na língua indígena: “Dijeron los indios que llevaba que había de ellas a Cuba andadura de día y medio con sus almadías, que son navetas de un madero adonde no llevan vela. Estas son las canoas.” (COLÓN, s.d., p. 47); ou ainda colocando lado a lado o nome espanhol e o indígena: “Vinieron en aquel día muchas almadías o canoas a los navíos a resgatar cosas de algodón filado y redes en que dormían, que son hamacas.” (COLÓN, s.d., p. 53)

Mais adiante, contando com o conhecimento anterior proporcionado aos leitores, não apresenta explicações nem retoma a denominação em espanhol, usa apenas a palavra indígena: “... a medio golfo halló una canoa con un indio solo en ella, de que se maravillaba el Almirante cómo se podía tener sobre el agua siendo el viento grande.” (COLÓN, s.d., p. 90)

Anos depois, Bartolomé de las Casas em *Historia de las Índias*, recorrendo ao primeiro procedimento de Colón, identifica com uma descrição o que eram as “canoas”; entretanto, lança mão de uma tradução ao latim, língua que denotava um grau de erudição aos seus conhecedores, na tentativa de ser mais preciso:

Sábado, pues, muy de mañana, que se contaron trece días de octubre, parece la playa llena de gente, y dellos venían a los navíos en sus barcos y barquillos, que llaman canoas (en latín se llaman monoxylla), hechas de un solo cavado madero de buena forma, tan grandes y luengas, que iban en algunas cuarenta y cuarenta y cinco hombres, dos codos y más de ancho, y otras más pequeñas, hasta ser algunas donde cabía un solo hombre, y los remos eran como una pala de horno, aunque al cabo es muy angosta, para que mejor entre y corte el agua, muy bien artificada. Nunca estas canoas se hundan en el agua aunque estén llenas, y, cuando se anegan con tormenta, saltan los indios dellas en la mar, y, con unas calabazas que traen, vacían el agua y tórnanse a subir en ellas (...). (CASAS, s.d., p. 14)

Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-de-las-indias--0/html/d31cc52d-acd9-4776-a069-ec37b963f399_12.html>. Acesso em: 4 de mar. 2013.

Outro procedimento recorrente é a interpretação da natureza das novas terras buscando uma semelhança com o conhecido, resultando em uma série de comparações: “Y después junto con la dicha isleta están huertas de árboles las más hermosas que yo vie tan verdes y con sus hojas como las de Castilla en el mes de abril y de mayo y mucha agua.” (COLÓN, s.d., p.33). Os exemplos são inúmeros, mas

também há a necessidade de interpretação com a estratégia inversa, marcando a diferença entre os dois mundos:

(...) veyendo tanta verdura en tanto grado como en el mes de mayo en Andalucía, y los árboles están tan disformes de los nuestros como el día de la noche; y así las frutas y así las hierbas y las piedras y todas las cosas. Verdad es que algunos árboles eran de la naturaleza de otros que hay en Castilla: por ende había muy gran diferencia, y los otros árboles de otras maneras eran tantos que no hay persona que lo pueda decir ni asemejar a otros en Castilla (...) (COLÓN, s.d., p.39)

Ou ainda:

(...) Y vide muchos árboles muy disforme de los nuestros, y dellos muchos que tenían los ramos de muchas maneras y todo en un pie, y un ramito es de una manera y otro de otra, y tan disforme que es la mayor maravilla del mundo cuánta es la diversidad de una manera a la otra; verbigracia, un ramo tenía las fojas a manera de caña y otro de manera de lentisco, así en un solo árbol de cinco seis de estas maneras, y todos tan diversos (...). (COLÓN, s.d., p. 37-38)

Esse procedimento é realizado não apenas na tentativa de entender e explicar a natureza do Novo Mundo aos leitores, bem como das novas formas de organização social e hierarquias de poder que Colón percebe entre os nativos:

Hasta entonces no había podido entender el Almirante si lo dicen por rey o por gobernador. También dicen otro nombre por grande que llaman *nitayano*; no sabía si lo decían por hidalgo o gobernador o juez (...). (COLÓN, s.d., p. 105)

Nota-se a tentativa de aproximar a experiência de contato com os nativos das terras recém-descobertas com outros povos antigos, conhecidos por meio de comparações. Na passagem a seguir, Hernán Cortés nas *Cartas de Relación*, escritas entre 1519 e 1526, explica como eram os lugares de oração e adoração dos indígenas chamando-os de “mesquitas”, em um movimento em que talvez a informação mais evidente aos leitores seja que esses “outros” não eram seguidores da fé católica:

(...) con éstos tienen sus mezquitas y adoratorios y andenes todo a la redonda muy ancho, y allí tienen sus ídolos que adoran, de ellos de piedra y de ellos de palo, a los cuales honran y sirven de tanta manera y con tantas ceremonias que en mucho papel no se podría hacer de todo ello a vuestras reales altezas entera y particular relación (...). (CORTÉS)

Disponível em:

http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1520_277/Segunda_Carta_de_Relacion_de_Hernan_Cortés_459.shtml. Acesso em: 4 de mar. 2013.

Voltando a *Los cuatro viajes del Almirante y su testamento*, Colón demonstra e descreve as diferenças que percebe entre as línguas indígenas: “Dice que entendía algunas palabras, y por ellas diz que saca otras

cosas, y que los indios que consigo traía entendían más, puesto que hallaba diferencia de lenguas por la gran distancia de las tierras. (...)” (COLÓN, s.d., p. 127) E ainda identifica o intérprete, que por uma sinédoque também era conhecido como “o língua”: “Envió dos barcas a la población por haber lengua, y a una de ellas un indio de los que traía, porque ya los entendían algo y mostraban estar contentos con los cristianos (...)” (COLÓN, s.d., p. 49).

Encontram-se vários exemplos desses procedimentos nas *Cartas de Relación*, de Cortés. Como o esclarecimento da presença de um intérprete:

Y luego que los vieron venir los naturales de la tierra se pusieron en manera de batalla fuera de su pueblo para defender la entrada, y el capitán los llamó con una lengua e intérprete que llevaba y vinieron ciertos indios a los cuales hizo entender que él no venía sino a rescatar con ellos de lo que tuvieran (...). (CORTÉS)

Disponível em:

<[http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1520_277/Segunda Carta de Relación de Hernán Cortés 459.shtml](http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1520_277/Segunda_Carta_de_Relacion_de_Hernan_Cortés_459.shtml)>. Acesso em: 4 de mar. 2013.

Apresenta inclusive sua esposa e intérprete Malinche/Doña Marina, considerada por alguns, como uma traidora dos povos indígenas, fato que leva mais água para o moinho dos que consideram a tradução como um ato de infidelidade nata:

En tres días que allí estuve, proveyeron muy mal y cada día peor y muy pocas veces me venían a ver ni hablar los señores y personas principales de la ciudad. Y estando algo perplejo en esto, a la lengua que yo tengo, que es una india de esta tierra, que hube en Potonchán, que es el río grande que ya en la primera relación a vuestra majestad hice memoria, le dijo otra natural de esta ciudad cómo muy cerquita de allí estaba mucha gente de Mutezuma junta y que los de la ciudad tenían fuera sus mujeres e hijos y toda su ropa y que había de dar sobre nosotros para matarnos a todos y si ella se quería salvar que se fuese con ella, que ella la guarecería; la cual lo dijo a aquel Jerónimo de Aguilar, lengua que yo hube en Yucatán de que asimismo a vuestra alteza hube escrito y me lo hizo saber. Y yo tuve uno de los naturales de la dicha ciudad que por allí andaba y le aparté secretamente que nadie lo vio y le interrogué y confirmé todo lo que la india y los naturales de Tascaltecal me habían dicho (...). (CORTÉS)

Disponível em:

<[http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1520_277/Segunda Carta de Relación de Hernán Cortés 459.shtml](http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1520_277/Segunda_Carta_de_Relacion_de_Hernan_Cortés_459.shtml)>. Acesso em: 4 de mar. 2013.

Bernal Díaz de Castillo em *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, relata inclusive a simbiose com a qual Cortés/Marina/Malinche, ou seja, como autor das ordens de comando e sua tradutora eram entendidos pelos indígenas como a mesma pessoa ou, pensando como Quijano (2000, 2009), como mesma voz de poder:

Antes que más pase adelante quiero decir cómo en todos los pueblos por donde pasamos, y en otros donde tenían noticia de nosotros, llamaban a Cortés Malinche, y así lo nombraré de aquí adelante Malinche en todas las pláticas que

tuviéremos con cualesquier indio así de esta provincia como de la ciudad de Méjico; y no lo nombraré Cortés sino en parte que convenga. Y la causa de haberle puesto este nombre es que como doña Marina, nuestra lengua, estaba siempre en su compañía, en especial cuando venían embajadores o pláticas de caciques, y ella lo declaraba en la lengua mejicana, por esta causa llamaban a Cortés el capitán de Marina, y por más breve lo llamaron Malinche. (DÍAZ DEL CASTILLO, s.d., p.27)

Disponível em:

<http://201.147.150.252:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1341/historia_verdadera_de_la_conquista_de_la_nueva_espanabernal_diaz_del_castillo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 4 de mar. 2013.

Em outro relato é possível perceber que o grau de consciência com relação à tarefa do tradutor aumenta a ponto de Francisco López de Gómara em *Historia general de las Índias* escrever uma breve recomendação de como deveriam proceder os tradutores do espanhol para outras línguas ao traduzir, por exemplo, os nomes e sobrenomes das linhagens indígenas:

A los trasladores

Algunos por ventura querrán trasladar esta historia en otra lengua, para que los de su nación entiendan las maravillas y grandezas de las Indias y conozcan que las obras igualan, y aun sobrepujan, a la fama que de ellas anda por todo el mundo. Yo ruego mucho a los tales, por el amor que tienen a las historias, que guarden mucho la sentencia, mirando bien la propiedad de nuestro romance, que muchas veces ataja grandes razones con pocas palabras. Y que no quiten ni añadan ni muden letra a los nombres propios de indios, ni a los sobrenombres de españoles, si quieren hacer oficio de fieles traductores; que de otra manera, es certísimo que se corromperán los apellidos de los linajes. (...) (LÓPEZ DE GÓMARA, s.d., p.7)

Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/92761.pdf>>. Acesso em: 4 de mar. 2013.

3. Práticas tradutórias na produção da *nueva narrativa*: um conto de J.M. Arguedas

Os exemplos desses procedimentos nos relatos e crônicas da conquista e colonização são inúmeros. Entretanto, vejamos como eles podem ser encontrados ao longo da produção literária e antropológica de José María Arguedas (1911-1969). Entre vários outros trabalhos, em 1965, o autor, antropólogo, professor e tradutor peruano publicou *El sueño del pongo, Pongoq Mosqoynin* em versão bilingue quíchua-espanhol, baseado em um relato oral por ele mesmo recolhido:

Escuché este cuento en Lima; un comunero que dijo ser de Qatqa, o Qashqa, distrito de la provincia de Quispicanchis, Cuzco, lo relató accediendo a las súplicas de un gran viejo comunero de Umutu. El indio no cumplió su promesa de volver y no pude grabar su versión, pero ella quedó casi copiada en mi memoria. (ARGUEDAS, 2009, p.125)

Ao recolher e reelaborar esse relato, ainda que com o desejo de produzir uma versão “copiada na memória”, o autor está, primeiramente, utilizando-se de um procedimento frequente de seu trabalho como antropólogo, quando visitava comunidades para conhecer e registrar histórias e costumes indígenas e mestiços. Também está presente uma característica muito marcante de sua produção literária: como o próprio Arguedas várias vezes declarou, e parte da crítica enfatiza, suas obras literárias contêm grande parcela de relato autobiográfico, tivessem sido estes acontecimentos vivenciados por ele na infância entre os indígenas ou em seu trabalho de pesquisador da cultura desses povos.

Portanto, se por um lado parece desejar valorizar a fidelidade de sua tradução do relato em quíchua que ouvira para a escritura duplamente registrada em quíchua e em espanhol, por outro, também tem consciência do procedimento de recriação do qual lançou mão ao traduzi-lo. Deste modo, evidencia a mescla da qual o conto resulta. Ao mesmo tempo, registro de uma história oral criada por uma comunidade e fruto de sua inventividade como produtor cultural: “Hemos tratado de reproducir lo más fielmente posible la versión original, pero, sin duda, hay mucho de nuestra “propia cosecha” en su texto; y eso tampoco carece de importância”. (ARGUEDAS, 2009, p.125)

Se recordarmos a teoria de Roman Jakobson (1985) tantas vezes citada, mas que vale a pena ser mencionada, concluímos que Arguedas realizou primeiramente uma tradução intersemiótica ou uma transmutação, visto que passou o relato oral em quíchua para a escrita nessa mesma língua. E, ainda, com o anseio de que esse produto cultural transculturado ganhasse mais visibilidade, realizou uma tradução interlingual, do quíchua para o espanhol.

Arguedas não estava seguro de que o relato fosse um tema originalmente quíchua, ainda que lhe tivesse sido narrado na língua indígena. Tal fato se explica porque houve a utilização desse idioma pelos espanhóis como língua geral para evangelização e alfabetização tanto nas regiões costeiras quanto nas serranas e da selva do Peru (ALCINA FRANC, 1989, p. 9). O peruano enfatiza o caráter dinâmico do relato dentro da comunidade de onde provém e mostra a possibilidade de sua revitalização, pois ao ser fixado na escrita tanto em quíchua quanto em espanhol, passa a fazer parte do repertório cultural de outra comunidade.

O revigoramento, segundo suas palavras, já se fazia presente na opção por utilizar uma língua viva na transposição do quíchua oral para o escrito. Essa preocupação pode ser percebida na tentativa de recuperação da oralidade empregada em sua tradução. Assim como Arguedas, o uruguaio Rama (1982) crê que desta maneira uma língua, uma literatura ou – pensando mais amplamente, como era peculiar a ambos os intelectuais – uma cultura teria mais possibilidade de sobrevivência, ainda que para isso sofresse alterações, processos de perdas e de ganhos de elementos de ambas as culturas envolvidas.

Em “El sueño del pongo”, Arguedas buscou preservar e registrar o relato ouvido tanto em quíchua quanto em outra língua que lhe proporcionasse maior visibilidade e possibilidade de resistir ao longo do tempo. Neste caso, a alternativa foi preservar sua característica mais marcante como relato – a oralidade – além de denominá-la com uma forma da literatura ocidental. Deste modo, não se preocupava apenas em preservar o passado, e sim em projetar essa cultura para o futuro.

A reflexão que o peruano promove ao apresentar o conto que compilou e reelaborou lembra o que Thaís F. N. Diniz argumenta a respeito do que entende por tradução:

(...) Deixa de ser apenas, como se define tradicionalmente, o transportar, seja de uma língua ou de um sistema, para outro (a). Torna-se um procedimento complexo que envolve também as culturas, os artistas, seus contextos histórico/sociais, os leitores/espectadores, as tradições, a ideologia, a experiência do passado e as expectativas quanto ao futuro. Envolve ainda o uso de convenções, de técnicas anteriores ou contemporâneas, de estilos e de gêneros. Traduzir significa ainda perpetuar ou contestar, aceitar ou desafiar. Do mesmo ponto de vista, envolve, sobretudo, uma leitura transcultural. Nas palavras de Alfredo Bosi, traduzir é também aculturar. (DINIZ, 1999, p. 42)²⁰

Acreditar nessa alternativa – mais do que como uma possibilidade harmônica ou positiva – como a única viável para a sobrevivência de uma cultura não livra o compilador/autor de ter dúvidas em relação a como esse novo produto cultural seria entendido pelas diversas comunidades às quais ele se destinava. De acordo com Rama, o autor transculturador tem na sociedade esse papel intermediador (CUNHA, 2007). Isso é o que pensa Diniz sobre os tradutores:

(...) se apresentam, pois, como mediadores entre as tradições literárias, entre culturas, não com o intuito de trazer o original à tona de maneira neutra e objetiva, mas para torná-lo acessível em seus próprios termos. Os termos do tradutor, por outro lado, são limitados pelo contexto em que ele vive e podem até não se constituírem em algo intrinsecamente seu. A tradução, pois, não é produzida em perfeitas condições de laboratório, esterilizado e neutro, e sim no entrelugar de várias tradições, culturas e normas. Toda tradução é, portanto, uma tradução cultural. (DINIZ, 1999, p. 35)

Segundo Rama (1982), Arguedas ao recolher e recriar o relato quíchua promove uma revitalização dessa cultura. Em uma aproximação do procedimento de Arguedas à teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar (2004), ao realizar suas traduções, o peruano está transportando o relato de um sistema literário a outro, enriquecendo não só aquele que o recebe, mas toda a cultura da qual passa a fazer parte. Essa é uma maneira de perceber, de modo semelhante, o processo de troca cultural, mas sob distintas perspectivas.

Entretanto, o foco do processo descrito por Rama parece ser a sobrevivência de uma produção literária ao caminhar de um sistema de menor visibilidade a outro de maior, enquanto que para Even-Zohar a tradução seria um modo de enriquecimento de um conjunto de sistemas:

(...) una visión sistémica de la traducción (o mejor, de las traducciones literarias), parte integrante a su vez del polisistema literario meta (lo que supone

²⁰ É preciso fazer a ressalva de que Diniz utiliza o termo “transcultural” sem o aporte teórico que Rama traz do conceito de Fernando Ortiz. Também ao tomar as palavras de Bosi e promover a associação entre “aculturar” e (por extensão) “transcultural”, a autora realiza uma equiparação que é refutada tanto pelo cubano quanto pelo uruguaio, quanto ainda por Arguedas (1996, p. 256).

una ruptura con los enfoques tradicionales y con el tratamiento individual que le daban a las traducciones), y una enfatización del dinamismo del primer sistema en relación con el segundo y, en consecuencia, con la evolución de su cultura. (MOYA, 2007, p.138)

4. À guisa de conclusão – a reflexão prossegue

As teorias de tradução mais recentes enfatizam um aspecto que está presente na teoria do crítico uruguaio, o enriquecimento do sistema literário peruano e, devido ao alcance do idioma espanhol, contribuições para os sistemas literários de outros países. O que representaria, finalmente, um ganho para a literatura e para a cultura ocidentais.

Retomando Mignolo (1998), que considera a ideia de textos de cultura incorporando em seus estudos aqueles que foram produzidos com outra finalidade que não literária e, ainda, os que não foram escritos na língua de determinada cultura, mas são para ela relevantes, podemos sem margem a dúvidas, afirmar que os relatos e crônicas da colonização, os relatos orais em quíchua, ao serem lidos como textos da cultura latino-americana e recriados em outras formas literárias e outras línguas como o fez Arguedas, promovem um reconhecimento dessas culturas para além dos sistemas literários e culturais originais. Desta forma, esses procedimentos motivam um olhar para o passado – preservando – mas também outro para o futuro – revitalizando – e alcançam o âmbito de um sistema, digamos, europeu ocidental, que é aquele considerado amplo, genérico e ideologicamente “universal”. Entretanto, podemos refletir lançando uma questão segundo os estudos de Quijano (2000; 2009): não estariam esses mesmos procedimentos realimentando, de certa forma, os mecanismos de colonialismo do poder?

Lo que pudimos avanzar y conquistar en términos de derechos políticos y civiles, en una necesaria redistribución del poder, de la cual la descolonización de la sociedad es presupuesto y punto de partida, está ahora siendo arrasado en el proceso de reconcentración del control del poder en el capitalismo mundial y con la gestión de los mismos funcionarios de la colonialidad del poder. En consecuencia, es tiempo de aprender a liberarnos del espejo eurocéntrico donde nuestra imagen es siempre, necesariamente, distorsionada. Es tiempo, en fin, de dejar de ser lo que no somos. (QUIJANO, 2000, p. 25)

Disponível em:

<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf>>. Acesso: 4 mar. 2013.

Referências

ALCINA FRANCH, J. **Mitos y literatura quéchua**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

ARGUEDAS, J. M. **Qepa Wiñaq... Siempre literatura y antropología** (prólogo Sybila de Arguedas, edição crítica Dora Sales). Madrid/ Frankfurt: Iberoamerica/ Vervuert, 2009.

_____. **El zorro de arriba y el zorro de abajo** (edição crítica Eve-Marie Fell), Madrid/ Paris/ México/ Buenos Aires/ São Paulo/ Rio de Janeiro/ Lima: ALLCA XX, 1996.

_____. **Formación de una cultura nacional indoamericana** (seleção e prólogo Ángel Rama). Ciudad de México: Siglo XXI editores, 1975.

CASAS, B. de las. **Historia de las Índias**. Disponível em http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-de-las-indias--0/html/d31cc52d-acd9-4776-a069-ee37b963f399_12.html. Acesso em: 4 mar. 2013.

COLÓN, C. **Los cuatro viajes del Almirante y su testamento**. Madrid: Espasa Calpe, s.d..

CORTÉS, H. **Cartas de relación**. Disponível em: <http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1520_277/Segunda_Carta_de_Relacion_de_Hernan_Cortés_459.shtml>. Acesso em: 4 mar. 2013.

CUNHA, R. B. **Transculturização narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama**. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2007.

DÍAZ DEL CASTILLO, B. **Historia verdadera de la conquista de Nueva España**. Disponível em <http://201.147.150.252:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1341/historia_verdadera_de_la_conquista_de_la_nueva_espana--bernal_diaz_del_castillo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 4 de mar. 2013.

DINIZ, T. F. N. “O conceito de tradução”. In: DINIZ, T. **Literatura e Cinema: da semiótica à tradução**. Ouro Preto: Editora: UFOP, 1999, pp. 25-42.

EVEN-ZOHAR, I. “The position of translated literature within the literary polysystem”. In: VENUTI, L. (editor). **The translation studies reader**, London/New York: Routledge, 2004, pp. 192-197.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1985.

LÓPEZ DE GÓMARA, F. **Historia General de las Indias**. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/92761.pdf>>. Acesso em 4 de mar. 2013.

MIGNOLO, W. “Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista”. In: IÑIGO MADRIGAL, L. **Historia de la Literatura Hispanoamericana**. Época Colonial, Tomo I, Madrid: Cátedra, 1998.

MOYA, V. **La selva de la traducción – teorías traductológicas contemporâneas**. Madrid: Cátedra, 2007.

QUIJANO, A. **Colonialidad del Poder y Des/Colonialidad del Poder**. Conferencia apresentada no XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009. Disponível em: <<http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libros/51.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2013

_____. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. In: LANDER, E (comp.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000. pp. 1-30.
Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf>>. Acesso em: 4 mar. 2013.

RAMA, Á. **La ciudad Letrada**. Montevidéo: Fundación Ángel Rama, 1984.

_____. **Transculturación narrativa en América Latina.** Montevideu: Fundación Angel Rama, 1982.

SHAW, D. **Nueva narrativa hispanoamericana.** Madrid: Cátedra, 1988.

TODOROV, T. **A conquista da América – a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.